

ETERNO INVERNO

– antologia literária –

Érica de Oliveira & João Paulo Hergesel

(organizadores)

ETERNO INVERNO

– antologia literária –

1.^a edição



Editora Jogo de Palavras

• Alumínio, SP •

2018

Copyright © 2018 by Editora Jogo de Palavras

Revisão:

Érica de Oliveira

Editoração:

João Paulo Hergesel

Ilustração de capa:

CC0 License

E83

Eterno inverno / João Paulo Hergesel; Érica de Oliveira (org.). – 1. ed. – Alumínio: Jogo de Palavras, 2018.
96 p. | 14 cm x 21 cm.

ISBN (edição física): 978-85-66626-60-5

ISBN (edição digital): 978-85-66626-61-2

1. Literatura brasileira. 2. Ficção.

I. Título.

CDD: B869.8 | CDU: 82-3

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados a:



Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP • 2018
www.jogodepalavras.com

Sumário

Quando o inverno chega.....	9
<i>Vanessa Heidemann</i>	
Quem é você quando ninguém está olhando?	14
<i>Robson Nascimento da Silva</i>	
Instantes antes dos cisnes... ..	19
<i>Paulo Luís Ferreira</i>	
Mingau.....	23
<i>Leverton Jose Veríssimo Vieira</i>	
Comportamentos invernais.....	25
<i>Evandro Valentim de Melo</i>	
Despedida.....	34
<i>Driely Meira</i>	
Ah, se não existissem as reticências... ..	42
<i>Edib Longo</i>	
Colo.....	49
<i>Joaquim Bispo</i>	

Liberté	54
<i>Antonio Luiz Medeiros de Campos</i>	
Em um inverno reticente, o relógio na parede e a noite de frio	59
<i>Marcelo Gomes Jorge Feres</i>	
Inverno	61
<i>Aldirene Máximo</i>	
Amor ardente	63
<i>Eloísa Ávilla</i>	
Madrugada fria	64
<i>Jullie Veiga</i>	
Transcendência	66
<i>Maria Aparecida Sanches Coquemala</i>	
Dilema	67
<i>Geraldo Trombin</i>	
Não é o que parece	68
<i>Lya Gram</i>	
Escrito com lágrimas	69
<i>Ane Yassuda</i>	

Invernices	71
<i>Roque Aloisio Weschenfelder</i>	
A Loba	73
<i>Maria Teresa Pelica</i>	
Amores de inverno	76
<i>J. L. Silva</i>	
Inverno em minha alma	78
<i>Wilson Duarte</i>	
Sobre tudo	80
<i>Mariana Fagundes Ausani</i>	
SOBRE OS AUTORES	88

Quando o inverno chega

Vanessa Heidemann

Ela está lá, sentada na poltrona, ombros levemente tensos, o corpo ainda nu. Ergue os olhos para os lençóis bagunçados, que há pouco tempo, acolhia dois corpos entregues aos beijos, abraços, suspiros e... Agora só há silêncio.

O sol beija os arranha-céus, o lusco-fusco está por vir. A meia-luz deixa tudo mais confuso e inquietante. Fica imaginando se algo ainda importa, seus olhos se umedecem, aquela umidade fria que atravessa os ossos e penetra n'alma, o ser só, transborda mais uma vez.

Procura letargicamente suas roupas que estão espalhadas pelo chão, ao lado da calça jeans encontra o bilhete, escrito às pressas, no afã de rever seu amor. Lembra perfeitamente as palavras contidas nele: “Sim, hj no mesmo lugar de sempre, bjo”. Não aguenta e desmorona. Seminua tateia pelo chão e encontra o papel, sorri ao mesmo tempo em que chora, amassa-o e deixa ali.

Respira fundo, levanta, veste suas roupas e vai até o banheiro, arruma o cabelo, lava o rosto e tenta ignorar o vazio que vê em seus olhos.

Ela sabia que tudo estava por um fio e que em breve aquele momento chegaria, mas não imaginava que

seria naquele dia. Na verdade, enganava-se e lutava em suas entranhas para ignorar que o afastamento era necessário. Haviam decidido que era o melhor a ser feito? Sim, é verdade! Mas ela mantinha a esperança, quase juvenil, de que poderia viver um sonho. Sentia-se tola!

Coloca a mão sobre a maçaneta da porta e olha mais uma vez para aqueles lençóis brancos, uma lágrima ameaça rolar pela face, ela a contém. Sai pela porta e nunca mais olha para trás.

O tempo é implacável, os dias passam: outono, inverno, primavera e verão. Deixa-se inebriar pela rotina, as viagens a trabalho se intensificam e as responsabilidades aumentam.

Mantém casos esporádicos, mas nunca criando vínculo. O melhor de si já havia sido compartilhado, apenas pequenos pedaços estavam disponíveis. Ela nunca enganou ninguém, nunca omitiu suas intenções e assim se envolvia com quem aceitava as regras do jogo.

Outono, inverno, primavera, verão. Outono, inverno, primavera, verão. Outono, inverno, primavera, verão. Outono...

É um dia típico de inverno, apesar de presente, o sol não ajuda muito quando se trata de amenizar o frio. Seu celular vibra: “Não esquece a festa de hoje! Às 19h, na minha casa. Se você não vier...”. Ela solta um sorriso, já

tinha esquecido a festa. Responde: “Pode deixar que eu voooooooooo! Você acha que eu iria esquecer a festa?”. Todo mundo tem um quê de hipócrita dentro de si, portanto ela não se sentia mal quando agia como uma.

Aproveita que é sábado e fica mais um pouco na cama, não lembrava a última vez que conseguiu ficar até às 10h da manhã sem fazer nada, sempre achou um luxo quem podia dormir até tarde.

Por volta das 11h levanta, toma um banho bem quente enquanto a cafeteira passa o café, bem forte, como sempre gostou.

Ao sair do banho e olhar no espelho percebe alguns fios de cabelos brancos nas têmporas, dá de ombros e se enfia numa blusa quentinha.

Com cafeína no corpo resolve almoçar em seu restaurante favorito. Ele fica bem no centro, toda vez que ela está de volta à cidade, dá um jeito de ir almoçar nele, ao menos uma vez.

O restaurante é diminuto e muitas pessoas desconhecem sua existência, possui uma fachada simples e pouco atrativa, pode-se imaginar que lá seja qualquer coisa, menos um restaurante. Ama aquele restaurante vegetariano e suas donas estrangeiras, que mesmo depois de 20 anos, ainda conseguem misturar os idiomas. Ela achava

engraçado seu restaurante favorito no mundo ser vegetariano, pois ela nunca foi vegetariana.

Durante o almoço fica matutando no que levar para a festa e chega à conclusão de que não há como errar com um bom vinho. Despede-se do pessoal do restaurante, prometendo retornar assim que conseguir.

Aproveita pra passear um pouco pela cidade antes de comprar o vinho, dá uma espiada no céu e ele carrega um tom perfeito de azul. O ar está tão gelado que o nariz parece um cubinho de gelo, mesmo assim, ela sente-se feliz por estar em sua cidade natal.

Chega em casa e pensa em surrupiar o vinho pra si e ficar quentinha, no sofá ou na cama, assistindo um filme ou seriado. Fica pensando na quantidade de gente chata que irá encontrar e solta um suspiro. No fim, como havia se comprometido, decide ir.

Fica um tempão na fila da portaria do condomínio e começa a praguejar por estar ali.

Quando chega à casa, antes de descer do carro, pensa: “Ok! Ok! Seja simpática! Seja simpática! Você fica um pouquinho e vai embora!”

A casa era realmente enorme, e sim, tinha muita gente lá dentro. Sua amiga vem de braços abertos e dizendo:

Eu não esperava te ver, mas você realmente veio!

– Você não leva a sério o que eu falo, né?

As duas caem no riso.

– Me dá esse vinho aqui! Vou ver algumas coisas na cozinha e já volto. Vá até o bar pegar alguma coisa pra beber. Depois quero que você me conte as novidades, TODAS!

No caminho encontra alguns conhecidos com quem joga algumas palavras fora, sempre se esquivando, dizendo que estava indo até o bar pegar algo pra “esquentar”.

No bar pede uma taça de vinho tinto. Ao olhar ao redor percebe um quadro em um corredor próximo, que chama sua atenção.

Dá uma volta maior pra desviar de algumas pessoas, ao chegar ao corredor repara que a uns passos à frente, uma figura conhecida está observando outro quadro. Congela!

A figura percebendo que alguém se aproxima vira-se, seus olhos se encontram, seu coração acelera e o corpo treme.

Quando abre a boca pra dizer algo, uma criança aparentando ter uns quatro anos, surge correndo na direção de seu eterno amor e diz:

– Mamãe! Mamãe! O papai tá te procurando!

Quem é você quando ninguém está olhando?

Robson Nascimento da Silva

Liberte-se! Sempre ouço esta frase nos corredores vazios e frios das salas, e paro para refletir sobre o fato de algumas pessoas não perceberem que a liberdade apresenta nuances estranhas. Ser livre é ser você! Ser você, muitas vezes, é perigoso. Lembro-me, caro leitor, das leituras fruídas que tive ao me deparar com os contos de Edgar Allan Poe nas noites escuras de inverno, em que experimentei sensações novas e, ao mesmo tempo, perturbadoras sobre minha própria condição psicológica. Quem realmente sou eu? O que sinto de verdade sobre tudo e todos? Incógnitas! Malditas incógnitas!

O espelho é a arma mais perigosa do ser humano, reflexo do ilusório da nossa raça. O que vemos não é o que somos. Superficialmente, mostramo-nos para o outro; pensamos no outro. Será? Não acredito em rótulos, talvez aconteça de verdade com alguns, no entanto, comigo foi tudo diferente.

Esqueci-me de mencionar no início que estou internado no hospício municipal da minha cidade, Mamanguape, que hoje, igual à função do espelho, mostra apenas a parte leviana de mim. Sou considerado um insano, mas não se assuste, pois antes também era assim. Louco sempre foi meu codinome.

Quando criança passava horas caçando as indefesas borboletas. O indefeso, de certa forma, atraía-me. Colocava-as em uma garrafa pet transparente, e orgulhava-me por tê-las capturadas. Em seguida, retirava-as individualmente e, antes de arrancar brutalmente suas asas, eu as encarava e confortava cada uma delas antes da sua inevitável morte. Ah, até hoje odeio borboletas!

Já adulto, com a imponência da juventude pulsando em minhas veias, passava a maior parte do meu dia trabalhando. Burocrata, foi nisso que me tornei, odiava preencher documentos, carimbar documentos... Detesto documentos! Vestia-me de terno cinza, e gravata escura às segundas-feiras, como uma forma de mostrar para as pessoas o meu horror pelo início da semana.

No mais, eu era respeitado e até admirado pela maioria das pessoas que trabalhavam comigo. Elogiavam minha elegância, atitudes, e acima de tudo, meu poder! Eu amava ser invejado. No entanto, nunca perguntaram como era minha vida longe do trabalho. Aqueles egoístas! Não que eu necessitasse de mais atenção, pelo contrário, prezo por meus minutinhos de silêncio naquele ambiente, mas, às vezes, só às vezes, gostaria que alguém me conhecesse de verdade.

E aqui estou eu, caro leitor, sozinho em uma sala escura. Cena recorrente em minha vida. A solidão ocasiona um distanciamento do supérfluo, que é a nossa existência.

Apenas quem vivencia do estar só sabe da grandeza que é se deixar perder, em seu subconsciente, para se redescobrir como indivíduo. O eu se perde em busca de se encontrar. E foi assim que vi, pela primeira vez, a minha imagem. Assustadoramente o eu que vive dentro desta casca.

Já dizia minha falecida mãe: “Meu filho, sempre narre uma história do início! Parece óbvio, mas geralmente, nas mais famosas histórias, o princípio de tudo é deixado em oculto.”.

O encete tende a ser a parte mais obscura dos loucos. E eu sou um louco, ou deixei que simplesmente me chamassem assim. Não pela certeza de que apenas os loucos demonstram sua verdadeira face, mas sim por gosto e prazer, aceitei.

Minha fama de louco soava, e até hoje soa, entre as bocas mais imundas de minha pequena cidade paraibana. Tudo começou em uma segunda-feira a noite, no badalar dos pequenos sinos da Igreja Matriz. Como de costume, fui esquentar um pouco de água para fazer um chá de ervas que eu colhia do quintal, o mesmo lugar que atraía minhas desprezíveis borboletas. De repente, a água do chá, que já borbulhava, abriu espaço para a cena mais linda que já presenciei: as cores vibrantes do fogo.

Encarei as chamas que em uma ardência bruta me evocava. Chama azul, com pequenos traços vermelhos. Gritava-me, chamava-me, atraía-me. Cheguei mais perto

do fogão, girei todas as bocas disponíveis e deixei o fogo criar-se sozinho. De repente, a pequena chama que antes brilhava sozinha agora estava espalhada pela cozinha. Mesa, cortinas, tapetes, panos, garrafas, cadeiras e quaisquer outros objetos que estavam em sua frente queimavam-se. E eu, naquele lindo lugar, maravilhava-me com o pulsar das chamas. De repente, viro-me e avisto aquele maldito espelho. Refletindo um homem aparentemente feliz e em chamas. Poucas vezes vivenciamos momentos de impactos em nossas vidas, mas, sem dúvidas, aquele espelho mostrou minha verdadeira face.

Caro leitor, essa minha afirmação a seguir irá gerar dúvidas sobre a veracidade da narração, mas lembre-se de que você está lendo algo escrito por um louco, então não se questione. Vamos aos fatos: ao avistar-me refletido no espelho, enxerguei algo diferente, pousado nas bordas daquele objeto, cheguei mais perto e tive a satisfação dobrada naquele momento, que agora estaria perfeito. Uma borboleta negra, com olhos enormes pairava sobre o espelho. Lembrei imediatamente da minha infância e cheguei à conclusão de que, naquela fase, mostrava-me sem máscaras: eu era um caçador de borboletas cruel! Corri imediatamente para caçá-la, mas ao mover-me senti uma dor terrível sobre minhas pernas: eu estava pegando fogo! Retirei as roupas em chamas que estavam em mim e despi-me. O espelho agora refletia o meu natural. Refletia

o meu eu! A nudez humana transmite veracidade sobre o indivíduo, que, em meio aos acessórios, envaidece-se. Sou um homem nu, caçador de borboletas e adorador do fogo!

Lembro-me de cada detalhe daquele dia, o barulho do fogo soa até hoje em meus ouvidos. O cheiro da fumaça me traz reminiscências cordiais, mostrando-me realmente quem sou e, hoje, sempre que converso com algum curioso que me visita neste humilde hospício, inicialmente faço a seguinte indagação:

– Quem é você quando ninguém está olhando?

Instantes antes dos cisnes...

Paulo Luís Ferreira

O espaço ficara paralisado, e o tempo recuara. O Ali e o Outrora tinham se transformado num Aqui e num Agora que deslizavam, dançavam envoltos em música. Antes, bem antes dos ventos frementes e do sol vermelho e quente... Lá fora a chuva fina caía sobre o lago e chegava até sua janela.

Ele gostava de pensar nas águas que vêm do céu como um líquido morno, assim como seu pensamento no estado Daquele Agora. Ele olhava absorto pelo vidro embaçado de onde avistava na extremidade do jardim, à esquerda, um frondoso flamboaiã. Era lá que gostava de pensar o mundo e os sonhos, mas agora chovia. Não podia lá estar. Só sabia que deveria estar em algum lugar, mas ainda não estava lá. Havia uma vasta e estranha tarde de sonho em seu olhar. E se perguntou por que as árvores morrem de pé. E pensou nela. De fato existia de corpo presente o corpo dela? Por instantes, a via bailar, doce e faceira, em seus braços, breves e futuros e pensava: por que o tempo não para, para que a gente não passe depressa?

A chuva aparecia e desaparecia, como um véu escuro se abrindo e fechando. E entendeu naquele instante o porquê de os grandes navegadores deverem sua

reputação às tormentas e aos temporais. Então se inclinou um pouco mais, até poder sentir na testa o vidro frio da janela, as correntes finas de ar e os pequenos chuviscos leves e ralos penetrarem pelas frestas da janela, e via sua respiração formar uma névoa. Assim como seu pensamento nela. Abriu as palmas das mãos observando-as com melancolia. Ele acreditava que se podia ver a alma na própria respiração e explicava para si, enquanto soprava as palmas das mãos, oferecendo a alma a Deus. Sua respiração desaparecia, enquanto a olhava, até que só restou um pequenino suspiro, um arfar, e depois nada. Só pensava que a vida tem duas verdades absolutas, as quais não foram proferidas pelo homem, mas pela lógica das coisas: que você veio e que você vai. O dia se foi e...

A noite começava a chegar. A rua enegrecia. A luz lustrosa do poste invadia a rua, lúgubre como obelisco a iluminar pensamentos. Dentro de si estava se plantando uma lua; ele pensava em poetizar. Deu as costas para a janela. Devagar caminhou rumo à escrivaninha que o esperava ansiosa. Procurou seu banco de sentar.

Às vezes ou quase sempre é um tormento fazer as palavras combinarem com os pensamentos, as emoções que se chocam, dentro do Si e do Consigo, como blocos de gelo navegando em águas turvas. Farpas imantadas, boiando em lago estranho. Como é difícil viver esse drama que é não saber como começar a escrever algo que possa

nos resultar uma boa alegria para nossa alma. E pensa: será que isso já deve ter acontecido com outros poetas, ou pelo menos, assim como ele, que deseja começar a descrever um sentimento, mas que não sabe por onde começar? E assim as memórias mais vívidas caíram na corrente das reminiscências. Então, mais que ágil, rabisca a página, riscando, jogando isca ao lago, pescando acasos da vida para pegar o sentido das coisas que estão dentro das palavras. Mas a palavra é um tormento quando queremos combiná-la com os sonhos. Ressabiou-se. Recolheu seus pensamentos de sobre a escrivainha e foi para a varanda. Dormiu. Acordou. Àquela hora, caído tão cedo das alturas do sono, por mera tirania do hábito; coisa das auroras laboriosas. Mas agora, sentado no alpendre, tinha desistido. Desistido completamente, não atinava em nada reiniciar novas escritas; entregara seu destino à mão áspera do acaso. Entrou, acendeu o fogão. Sentou-se perto da janela, de onde podia ver o fogo. A chama. E ouviu o relógio do fogão apitar. Bebeu o café. Fumou. E fumando se preencheu de fumaça. Engasgou, engoliu o gosto amargo da nicotina e o vazio continuou. Permaneceu assim encostado na janela, pensando fora dela. A chuva da manhã. Lá longe o horizonte se acinzentou. A terra. As árvores e as montanhas estão verdes, e a neblina está em toda parte, como aquela que sobe do lago e alcança as montanhas como uma fumaça. Lá fora, os ventos de julho ainda estão úmidos e frios. A friagem que chega depois da

chuva jorra numa torrente pela rua. Mais adiante a névoa rasteira e fechada, e depois a tormenta num instante bem perto da janela já fica mais calma. Quando vislumbrou cisnes no lago a navegar e pensou: “Isso vai me atrasar um pouco, mas, puxa vida, penso só naqueles cisnes, lá fora no lago, a tomar chuva!”.

Ele ainda pensava numa poesia para ela.

Mingau

Leverton Jose Veríssimo Vieira

Ela ouvia deitada na cama, aquecida pela sua manta macia e rosa, a pomba a cantar no telhado da casa e um vento frio a cortar os fios de força. Era uma trilha sonora triste e sem graça. O som da pomba a cantar remetia a sua mãe, tardes de infância e o sítio onde morava, o vento que açoitava o casarão e as pombas se refugiavam no celeiro de milho. Ela lembra de que muitas pombas dormiam lá e faziam uma algazarra ao pôr do sol.

Naqueles dias, a mãe lhe preparava um mingau de aveia em um prato fundo azul, o cheiro da canela, o gosto doce... era a sua lembrança mais prazerosa de infância. E a mãe lhe fazia companhia lá na cozinha arejada. E ela comia aquele mingau no prato fundo azul. Sorrindo, se lembrou de como gostava do mingau quente.

Agora, deitada, naquela tarde gelada de inverno, ela sentia o suor escorrer pelo seu corpo devido à manta rosa. Mas não ia se mexer, estava confortável ali e não tinha forças. Já não gostava de mingau de aveia e nem tinha a mãe para servi-lo bem quentinho no prato fundo azul.

Sabe, pensava ela, depois que o mingau esfria, ele não é o mesmo: vira uma massa sem graça e parece

borracha. Ela se sentia um mingau frio no prato fundo azul do tempo.

Comportamentos inverniais

Evandro Valentim de Melo

Em todos os países, a mídia não tratava de outro tema, que não fosse o “enlouquecimento da temperatura”. Nenhum especialista conseguia explicar a mudança climática, que contrariava os discursos sobre aquecimento global. Na Terra, só havia uma única estação: inverno.

Disse Shakespeare: “Há mais mistérios entre o Céu e a Terra do que sonha a nossa vã filosofia”.

As razões de tamanha alteração climática não serão obtidas em computadores, telescópios, universidades, laboratórios... A origem está relacionada a duas pessoas simples, que vivem na capital do Brasil, graças a acontecimentos havidos poucas semanas atrás.

Última semana do outono, o vento flagelava os poucos presentes ao funeral. Abel expressava imensa tristeza. Os trabalhadores do cemitério desceram o esquife à cova. Os restos mortais de Caio, seu único irmão, se juntaram aos dos pais, que lá jaziam.

Os amigos diziam expressões de pêsames, que Abel mal ouvia. Era ele, agora, o último membro daquela família. Permaneceu ainda por algum tempo, talvez a orar, quem sabe?

No carro, ao abrir o porta-malas, para guardar a mochila, Abel se deparou com um dos casacos de Caio. O irmão o deixava lá, por prevenção. Abel sentiu vontade de ir a um local que lhe trouxesse boas lembranças.

Apesar do frio, ele saiu do carro, estacionado próximo à Torre de TV. Necessitava ver o pôr do sol. Quantas vezes ele e seus familiares estiveram ali. A arquitetura de Brasília permitia enxergar longe, inclusive o passado.

Abel comprou pipoca, como seu pai fazia quando ele e o irmão eram crianças. Sentados, todos se entretinham com o magnífico céu de Brasília, ao cair da tarde. Envolto nesse cenário, finalmente, Abel chorou.

Em um *shopping*, Catarina mirava o relógio na parede da loja em frente. Cada minuto transcorrido a aproximava do fim de mais uma jornada laboral. A noite anterior fora extenuante em virtude das provas na faculdade, que lhe exigiram grande esforço, obrigando-a a estudar duas madrugadas seguidas. Dali a pouco, rumaria para casa. Terminadas as provas bimestrais e naquele frio, banho bem quente, lanche e cama era tudo o que almejava.

Trinta e cinco quilômetros a separavam de seu lar. Entrou na gigantesca fila de espera. Precisava viajar sentada. No ônibus, conseguiu um lugar privilegiado: a poltrona de assento único, junto à janela, imediatamente atrás do motorista.

Da rodoviária, era possível ver o pôr do sol. Bela pintura. Há poucos anos, quando sua família morava no Plano Piloto, era comum irem à Torre de TV só para admirar o espetáculo. Quanta coisa aconteceu. A empresa do pai falira e, agora, moravam no entorno do Distrito Federal. Revolta e sofrimento a invadiram. Ela se recostou à janela, olhou o céu. Passou o dorso da mão nos olhos a fim de secar as lágrimas. Lotado, o ônibus partiu.

Cochilou.

Do alto, duas criaturas imperceptíveis aos sentidos humanos a tudo observavam, do interior de um veículo invisível repleto de avançadíssima tecnologia.

– Quando olham o pôr do sol, parece até que nos veem. Lembra-se de quando chegamos a este planeta? Era uma grande e estéril rocha.

– Claro que me lembro. Trouxemos variados micro-organismos e os combinamos. Produzimos um grande lago, que serviu de berço a inúmeras novas espécies.

– Nossa mais brilhante criação foram os humanoides...

– ... Mas só depois que ganharam inteligência. Antes, frágeis, eram candidatos à extinção.

– O dom da inteligência lhes permitiu superar grandes adversidades.

– Apenas adiou o fim inevitável desses incautos. O pior é se acharem superiores às outras espécies. Se soubessem que foram escolhidos para receber a inteligência graças ao resultado de um de nossos jogos... Naquela disputa, fosse eu o vencedor, minha escolha, para ganhar inteligência, seria outra espécie, não os humanoides.

– Você jamais se conformou com minha opção de dar inteligência a eles. Em minha opinião, harmonizam-se ao conjunto de nosso trabalho. Veja este planeta azul, é lindo!

– Por ser um planeta tão belo, eu acho que eles não mereciam estar nele. Esta é a razão de eu incluir reviravoltas, quando o venço em nossas apostas.

– Você tem exagerado. Furacões, tsunamis, terremotos...

– Os humanoides têm merecido.

– Tempos depois que eles se tornaram inteligentes, disputamos nova partida, valendo outra dose, um pouco menor, de inteligência. Eu perdi. Você, ao invés de beneficiar outra espécie com o prêmio, fez foi reduzir essa quantidade de inteligência na que eu havia concedido aos humanoides. Crueldade.

– Jogo é jogo. Você se afeiçãoou demais a eles. Há tantas outras espécies na vastidão do universo. No próprio planeta azul há algumas bem interessantes...

– Admita, os humanoides têm uma incrível capacidade de superação. Ainda que em certos momentos, sejam egoístas, quando tudo parece perdido, mostram-se merecedores da escolha que fiz. Eles evoluirão, eu acredito.

– Você destaca fatos isolados. Finge não ver que eles criaram condições de se autodestruir. Na maioria das vezes, os humanoides utilizam a inteligência para propósitos torpes. São tantas irracionalidades, que eu já teria acionado este botão aqui para extingui-los.

– Ei, afaste a mão daí. Essa decisão jamais caberá a apenas um de nós.

– Você sabe que o egoísmo da espécie tem grande chance de levá-la à extinção.

– Saiba que eu nunca me arrependi de lhes dar a inteligência maior.

– Você acredita mesmo que os humanoides têm futuro promissor?

– Plenamente.

– Que tal uma nova aposta valendo a inteligência que eu lhes diminuí, um tudo ou nada. Aceita?

– O que você tem em mente?

– Os “peões” serão esses dois humanoides que olhavam o pôr do sol há pouco.

– Explique.

– Será um desafio com três possíveis resultados. Em dois deles, você vence.

– E quais seriam esses resultados?

– Resultado um: ambos os humanoides se saem bem; resultado dois: apenas um deles logra êxito; resultado três, ambos reprovados. Os dois primeiros resultados permitirão a você dar a dose extra de inteligência aos humanoides. Contudo, se nenhum passar no teste, eu poderei acionar este botão, livrando o planeta azul dos humanoides. Lançarei o maior inverno desde a Era Glacial. Durará alguns anos, o suficiente para eliminá-los.

Os dois apostadores etéreos criam ou destroem planetas e as diversas espécies que os habitam, na imensidão do universo. As ações de ambos sempre decorrem do resultado de suas apostas. Um deles desenvolveu especial afeto aos humanoides do planeta azul, por isso avalia se aceita ou não o novo desafio. Caso não aceite, os humanoides permanecerão com evoluções e involuções, avanços e retrocessos, no ritmo em que se encontram há tanto tempo.

O ser desafiado lembrou-se de progressos incríveis, quando apenas alguns dos humanoides se distinguiram no quesito inventividade. Recordou-se, também, de quanto sofrimento é experimentado por muitos: fome, doenças,

muitas vezes causadas por ações ou omissões deles mesmos. Então ele refletiu: “A elevação da inteligência lhes permitiria compreender que todos, na verdade, são um. E esse diferencial lhes traria um nível de consciência significativamente maior. O máximo que poderia acontecer, se eu perdesse, é que todos “morressem”. Mas eles também ignoram que, quando “morrem”, apenas mudam o jeito de estar na natureza. Tudo é reaproveitado na geração de novas vidas.”

– Decidi, vamos jogar. Qual será a prova?

– É simples: os dois humanoides serão testados quanto à solidariedade.

– Refira-se a eles pelos nomes: Abel e Catarina.

– Farei isso em deferência a você. Abel vivencia um momento de perda, mas a vida continua. Ele tem um agasalho no veículo, que era do irmão que “morreu”. A roupa não lhe serve. Ele terá a chance de fazer a diferença para alguém.

– E Catarina?

Ela está naquele veículo coletivo que transporta muitos humanoides. Assim como no teste de Abel, ela poderá beneficiar alguém. Estou certo de que ambos falharão.

– Pois eu creio que você perderá a aposta.

– O teste começa agora.

Os dois seres etéreos, cuja existência é desconhecida da humanidade, continuaram suas viagens pela imensidão do universo, a visitar outras obras autorais e a apostar jogos cujos resultados são decisivos ao futuro de cada uma: criar, alterar ou destruir.

Uma década depois, eles retornaram ao planeta azul, a fim de ver como ficara depois do resultado da aposta que fizeram e cujos “peões” foram Abel e Catarina. O planeta estava completamente mudado. Ficara ainda mais belo. Inexistia poluição, seja nos oceanos, seja no ar; florestas, antes degradadas, mostravam-se completamente recuperadas; até desertos apresentavam densa vegetação; os animais cumpriam seus papéis de presa e predador; espécies, antes próximas à extinção demonstravam grande aumento populacional.

Dez anos antes, uma forte e fria ventania convenceu Abel, mais conformado, a voltar para seu automóvel. No estacionamento, deparou-se com um pedinte tiritando de frio, tentando se proteger do vento, atrás do tronco de uma árvore.

– Uma ajuda, meu patrão. Qualquer trocado para eu comprar uma bebida quente. O frio está me matando.

– Não tenho nenhum trocado, amigo. É melhor você procurar abrigo. A temperatura vai cair ainda mais. Boa sorte! – disse Abel, entrando no carro.

Rumo à Saída Sul de Brasília, um ônibus parou, abriu a porta e mais pessoas se juntaram ao desconforto já reinante. Os passageiros reclamavam. Um idoso, que já não se sentia bem, foi espremido e empurrado até a poltrona atrás do motorista.

Catarina despertou com o velhinho quase a lhe cair no colo. Ela pensou: “Duvido que ele esteja mais cansado do que eu. Alguém no ônibus deve lhe ceder o lugar”.

Abel parou o carro no acostamento. Sentia um misto de alegria e espanto. Saiu, abriu as palmas das mãos para que os cristais de neve ali pousassem. Neve em Brasília?

Uma gélida rajada de vento obrigou Catarina a fechar a janela a seu lado, no exato momento em que o ônibus deslizou na via. O motorista freou. Levantou-se de sua poltrona, dizendo aos passageiros:

– Gente, olha só, está nevando! É o fim do mundo mesmo...

Despedida

Driely Meira

Assopro a bebida quente com força, as mãos tremendo pelo frio e os óculos embaçados com o vapor. Olho ao redor disfarçadamente, sem realmente ver as pessoas que ocupam o mesmo espaço que eu. Meus olhos batem na janela de vidro e respiro fundo ao mirar meu reflexo. Não estou tão ruim quanto há um mês, mas também não posso dizer que estou completamente recuperada.

Ainda sinto falta de Verônica e, apesar de achar engraçado como só percebi que a amava após perdê-la, sinto muita raiva por tê-la afastado. Respeitei seu tempo e mantive distância durante todo o outono, mas ao conversar com um estranho qualquer num bar qualquer, numa noite qualquer, percebi que não podia continuar longe. Não sem ao menos falar com ela; não podia deixar as coisas como estavam.

Baixo os olhos para a tatuagem coberta por plástico filme em meu pulso esquerdo, e sorrio; uma representação fiel e muito bonita de um cacho de flores Miosótis; as pequenas pétalas ovaladas de um azul profundo, perfeitamente desenhadas, o nome científico escrito logo abaixo... Encher meus olhos com tal beleza fazia valer a pena o dinheiro e as lágrimas gastas durante o

processo. Decidi fazê-la por impulso, mas não me arrependia. Era uma maneira de levar minha paixão pelas flores na pele, e também de manter Verônica em minha vida.

Meu coração bate acelerado no peito quando a vejo atravessando a rua, em direção ao café onde estou. Enxugo o suor das mãos na camiseta, cruzo e descruzo as pernas, nervosa. Ela passa pela porta e olha rapidamente ao redor, procurando-me. Deixa escapar um pequeno sorriso e segue em direção ao balcão, onde faz seu pedido. Cruzo as mãos sobre a mesa e respiro fundo, tentando acalmar as batidas de meu coração.

– Oi. – Verônica senta-se de frente para mim, tira o gorro e as luvas e os coloca dentro da bolsa.

– Oi – respondo, observando-a descaradamente. Ela parece bem. Muito bem, aliás. – Você parece bem. – Amaldiçoo-me mentalmente por não conseguir manter a língua quieta, mas ela apenas sorri.

– Você também – responde, tímida.

– Sei que estou horrível. – Sorrio, sem receber retribuição.

– Como andam as coisas? – Verônica limpa a garganta, olhando-me fixamente.

– Bem, andam bem. Estou de férias, então posso finalmente descansar das provas e tudo o mais. Comecei

um projeto novo sobre flores, ainda está no papel, então não é nada concreto... – mordo a língua. – Mas não é por isso que estamos aqui.

– E qual o motivo de estarmos? – Verônica se recosta na cadeira, dando um sorriso em agradecimento ao garçom que lhe entrega seu café.

– Bom, eu queria saber como você estava depois... Depois do término – murmuro, sem coragem de olhá-la nos olhos.

– Você quer dizer depois de mentir para mim por semanas, esconder o que estava sentindo e terminar comigo no dia em que completaríamos um ano juntas? – beberica seu café, olhando-me por cima da caneca.

– Eu...

– Estou brincando, Clem. – Ela sorri, mostrando os dentes. – Já passou. Fiquei mal ao saber que você estava mentindo para mim, mas já faz quase três meses. Estou bem. Estou muito bem, na verdade. Tudo está ótimo.

– Que bom. Fico feliz em saber. – Sorrimos uma para a outra, mas quando seus olhos caem em meu pulso, Verônica arregala os olhos.

– Você fez uma tatuagem. – Não é uma pergunta, e ela não desvia os olhos.

– Fiz. – Tento cobrir a superfície exposta com a manga da blusa, mas desisto quando sinto dor.

– Por que logo esta flor? – seus lábios estão cerrados firmemente, contudo, os vejo tremendo. Ela quer chorar. – Por que logo a nossa flor?

– “Não me esqueças”, lembra?

– É claro que eu lembro! Mas por que marcar isso na pele? Depois daquele dia? – ela passa as costas das mãos nos olhos, furiosamente. – É para isso que me chamou aqui hoje? Pra esfregar que sente minha falta quando eu já tô bem?

– Não! É claro que não! – estico as mãos, tentando pegar as suas, mas ela as tira da mesa.

– Por quê, então?

– Não sei. Não sei, Vê. – Deixo escapar um suspiro trêmulo. – Eu demorei pra perceber que sentia sua falta. Demorei mesmo. E quando eu percebi... – perco a fala. – Não sei, Vê.

– Pode falar através das flores. – Ela força um sorriso, os olhos ainda marejados. – Você sempre teve dificuldades em dizer o que sentia. Manda ver. – insiste, quando não falo nada.

– Queria ser uma Flor de Áster... – começo, encarando minha xícara de chá. – Diz a lenda que quando

a deusa grega Astrea olhou para a Terra e não encontrou nenhuma estrela, ela chorou. Cada lágrima sua, ao tocar o céu, virou uma estrela... – arrisco olhá-la, mas Verônica encara sua própria bebida. – A Flor de Áster possui muitas cores e significa muita coisa; lealdade, fidelidade, poder, luz... Mas a Áster-da-China... Bem, ela significa arrependimento.

Olho para o lado de fora do café, observando os pedestres que passam praticamente correndo, tentando fugir da chuva. Quando meu cérebro começa a trazer de volta as memórias antigas, de quando nós estávamos juntas, fecho os olhos e me forço a deixar tais lembranças de lado – por medo de gastá-las demais, e também de me perder no passado e não conseguir mais voltar.

– Existe também a Áster Azul. Significa despedida. Existe um mito que diz que, quem coloca o ouvido próximo a ela, consegue ouvir sussurros de despedidas...

– É lindo. E qual delas você quer ser? – pergunta.

Ignoro sua pergunta e apago todo e qualquer pensamento de minha cabeça. Foco apenas nela, em Verônica; na maneira como seus cabelos estão brilhantes apesar do tempo seco, em como sua pele está pálida pela falta de sol e, principalmente, em como seus lábios estão avermelhados pelo contato com a bebida quente, e esperam impacientes por uma resposta minha.

– As duas. Gostaria que cada lágrima minha virasse uma flor na Terra, mas também acho que mereço tudo o que sinto agora, todo o arrependimento, a mágoa, a raiva por tudo o que fiz...

– Clem...

– Não, me deixa terminar. Por favor. – Fecho os olhos, tentando organizar os pensamentos. – Eu não fui justa contigo; prometi que nunca esconderia nada e foi exatamente o que fiz. Demorei a perceber como sentia a sua falta, e mesmo sendo difícil, me mantive longe e tentei respeitar sua nova vida, uma vida sem mim. Eu não te chamei aqui para implorar por perdão ou pedir pra voltar.

– Então, por que estamos aqui?

– Porque se eu fosse uma Flor de Áster, eu também significaria luz, e num inverno desses – olho para fora e ela faz o mesmo – acho que é o que eu preciso; ser minha própria luz. E também... precisava me despedir. Sei que você já deve ter tido seu desfecho...

– Não tive – ela me interrompe.

– Bom... Então precisamos as duas de um. – Forço um sorriso. – Acho que é aqui onde tudo acaba, não é?

– Sim. – Verônica morde o lábio e cruza as mãos tão firmemente sobre a mesa que os nós dos dedos ficam brancos. – Quem sabe a gente não se encontra um dia, para falar sobre flores?

– Quem sabe? – forço um riso seco. – Quem sabe não colemos nossos ouvidos em alguma Áster e ouçamos a outra.

– Vou sentir falta do seu jeito de falar. – Ela sussurra, as lágrimas escorrendo livremente pelo rosto.

– Vou sentir falta do seu jeito de amar – devolvo, finalmente deixando que minhas lágrimas também caiam.

– Não se engane, Clem. Eu vou continuar te amando, mesmo não estando mais na sua vida. E eu sei que quando o inverno acabar, você vai voltar a ser aquela Clementine que eu conheci, há mais de um ano. Você só precisa ser uma Flor de Áster e achar sua própria luz – ela sorri, parecendo satisfeita por conseguir encaixar a língua das flores na conversa.

– Quem sabe...

– Talvez as coisas melhorem quando a primavera chegar – ela recoloca as luvas e o gorro, levanta-se e estende a mão – Nos vemos por aí, Clementine, clemente, bondosa, indulgente.

– Nos vemos por aí, Verônica, portadora da vitória, verdadeira – aperto sua mão entre as minhas e, depois do que parecem horas, a deixo ir. Verônica segue para a porta e abaixa a cabeça quando o ar frio do dia golpeia seu rosto, fazendo seus cabelos voarem - Só não

me esqueças – sussurro, fechando os olhos e torcendo
para que o inverno não dure para sempre.

Ah, se não existissem as reticências...

Edih Longo

O ambiente era quente e os amigos aconchegantes. A companhia do vinho fazia aquecer até o mais frio coração do planeta. Éramos belos, bem-sucedidos e saudáveis. Por que não rir? Por que não se jogar no líquido amortecedor de um copo cheio para aliviar as pressões do trabalho? Mas, alguma coisa tinha maculado o meu peito com uma dor inconveniente.

Lá fora, tinha acabado de assistir a um espetáculo triste, principalmente por ser tão comum em nossa angustiante realidade: um resgate do SAMU retirando o cadáver de uma mendiga de debaixo de um viaduto. Infelizmente, chegaram tarde. A gélida noite a retirara de seu cenário e baixara o pano da cena final sem quaisquer pompas ou brilhos. Sem aplausos. Só uma tragicomédia a mais.

Ao entorno dela, tudo estava limpo, sem quaisquer pedacinhos de papéis, mostrando uma limpeza metódica, como uma boa dona de casa. Acimando sua inútil cabaninha de papelões, uma prateleira tosca com um vasinho de flores plásticas, como a enunciar que ali era o seu “lar doce lar”.

Aquilo aumentou minha vontade de chutar o Universo e procurar, entre os seus espaços de astros, aquele que supostamente nos deu a vida e, portanto, tem o poder de tirá-la. Mas, essa vivente, realmente, soube o que é viver? Dizem que a vida é só uma passagem, mas não precisa ser em classe tão econômica! E será que tinha tantos pecados para merecer uma morte por falta de algo mais quente que a confortasse? Nem um último olhar amigo.

Cá dentro, em um elegante Clube, os meus amigos falavam e eu fingia escutar. Sorria sem rir. Ria sem gargalhar e sem entender a piada. Só via os pomos de Adão e as ricas gargantilhas das Evas subindo e descendo sob o impacto da alegria e a batuta da maestrina Felicidade. As bocarras exibindo os dentes perfeitos. Ah, e o barulho dos tintins dos copos cristalinos. Tudo sem gosto e tempero.

Vi-me há pouco, frontalmente, com a imagem trágica da finitude da vida. E essa é a única justiça sem embustes que se aplica a qualquer classe social. Comentei com uma amiga e ela, olhando-me meio de viés:

– Mas, o que você tem a ver com isso? Esqueça.

E a falta de alguém especial parecia pimenta rasgando goela abaixo. Acomodei-me ao aconchego de meu mundo e joguei em pensamento uma oração àquela infeliz. Tomei um prolongado e anestésiante gole de vinho,

mas me recusei a brindar. A morte de ninguém merece um brinde.

Olho à frente e um cabideiro acolhe uma montanha de grossos casacos e parece me encarar, como a perguntar: “Que incoerência, não é?” - Meu Deus! E temos até uma lareira, além do aparelho de ar condicionado. Sinto-me péssima!

Observo mais uma vez a pequena multidão e não vejo o real motivo que me levara até ali. Penso em dar uma desculpa qualquer aos amigos e ir para casa, encher a cara de meu próprio vinho e me esbaldar brindando com minha indignação, mais coerente com os meus pensamentos e com menos barulho... quando de repente:

– Vamos dançar?

Eu não acredito. Era o meu alguém especial, elegante com sua camisa azul para combinar com os olhos marinhos. Olhos marinhos não só pela cor de azul do Egeu, mas pelo profundo do próprio. Misterioso como as lendas gregas, com um meio sorriso-criança quando flagrado em travessuras. Nossa! Se eu não fosse uma fria executiva, diria que virei poeta.

Sim, era ele. Enorme como a lavareda à minha frente, quente como a própria. Esnobemente, respondi:

– Não! Estou acompanhada, não deu para perceber? – Apontando com o olhar para o amigo mais

próximo. Ai, maldita boca! Sempre tive que dizer o contrário do que queria. Sempre usei e abusei das interrogações, ou pior, sempre me enrosco nas reticências. Como, às vezes, detesto a Língua Portuguesa!

Ele olhou para o meu amigo e disse:

– Desculpe-nos, mas combinamos de dançar. Vamos.

Com ponto final no lugar da interrogação e, o melhor, sem quaisquer reticências. E ainda me incluindo no seu pedido de desculpa. Que bom! Mas ainda relutei. Ele só me olhou e afirmou:

– Faço um escândalo, se não vier.

Definitivamente, é um homem que sabe usar como ninguém um ponto final.

Fui. Também sei usar um ponto final. E não haveria de ir? O frio na espinha parecia sussurrar ao meu ouvido:

– Vê lá o que vai fazer, idiota!

O maldito friozinho aumentou mais ainda quando ele me apertou pela cintura. Estávamos brigados. Discussões na empresa. Ele questionou uma decisão minha. Eu a chefe, ele o subalterno. Coisas da vida. Que droga! Às vezes, ela é tão perversa quanto à sociedade que a classifica. Dei um chute no frio emocional e disse:

– Dá para não me apertar tanto?

Ele, cavalheiro como sempre (que raiva!), afrouxou o aperto. Quadrúpede. Imagine, quadrúpede?! Isso seria um privilégio. Ah, quem me dera fosse apenas um irracional. Estava tão, tão... Mas, continuei com minha razão pequeno-burguesa de Diretora Executiva de uma empresa internacional, não só com uma, mas com duas, duas cretinas interrogações:

– E então, tem mais alguma coisa para me dizer? Alguma ofensa que esqueceu?

Ele segurou o meu rosto, cravando-me aqueles olhos sinistramente azuis e massacrou-me com a sua voz de telessexo:

– Esqueci-me de dizer que te amo!!!

Meu Deus! Como era bom ser apenas um homem e uma mulher. Apenas sentidos. Uma lágrima caiu quente no meu rosto perplexo. O meu Apolo dizia que me amava. E com três pontos de exclamações. Isso era um presente que Afrodite me mandara do Olimpo por ter me lembrado da Grécia.

Tudo era tão extasiante que me sentia pequena para caber tanto amor. E descobri que o amor dói. Chorei a dor de tanto amor. Afinal, no fundo, o que as mulheres mais querem além do sucesso profissional? O amor e a

liberdade para possuí-lo da forma que melhor lhe aprouver.

Assustei-me quando o amigo do lado me sacudiu e perguntou:

– Por que está chorando?

Olhei para a lareira. A lavareda estava pequena e sumindo e, com ela os meus olhos sinistramente azuis iam sendo engolidos pela brasa da minha imaginação, apagando-os como duas águas marinhas e devolvendo-me ao mundo insípido dos mortais, com as suas... Mortes estúpidas por causa de uma simples mudança de temperatura.

O rosto daquela mulher, apesar da penúria, era mais jovem que o meu; não obstante os cremes, a toxina botulínica e o ácido hialurônico. Que ninguém nos ouça, principalmente aqui, num ambiente tão cheio disso tudo, mas que todo mundo esconde. Não é irônico? Bocas de sorrisos abertos. Aquela mulher abria a sua num esgar de dor ao soltar o seu último suspiro na vida.

Deus deve ser um contador de piadas tão bom quanto meus amigos que agora mostram até os dentes do siso num gargalhar histriônico. Mas creiam, tanto a piada de Deus quanto a dos amigos até agora eu não entendi. E a vida escorrendo pelas paredes, olha-nos surpresa, por estarmos felizes, embora cheios de...

Normas...

Restrições, adendos, ordens e etc...

Enfim, mil regras...

(Com as exceções, eu sei).

Mas, também com excesso das malditas
reticências...

Colo

Joaquim Bispo

Fazia-lhe falta a proximidade do filho. Duas ou três vizinhas, viúvas e reformadas como Deolinda, enganavam a solidão com a companhia de um cão. «Um animal em casa, não!» Todas recebiam a visita esporádica dos netos. A ela restava esperar, mas também desesperar, porque o filho e a jovem mulher tinham ido viver para os Estados Unidos. O marido morrera havia oito anos e agora também o filho se afastara.

Estava muito constrangida pela perspectiva de passar o Natal sozinha. Era o primeiro sem ninguém. As férias, enfim, mas o Natal! Onde passá-lo? Como? Com quem? Em cima da data, resolveu passá-lo na terra — uma aldeia do interior beirão. Meteu-se num autocarro e foi, quieta e meditativa, sem ver desfilar a paisagem, a recordar os tempos de faculdade, quando ia à terra todos os quinze dias. Sentia-se um pouco triste e resolveu aceitar esse estado de espírito, interiorizando-o e cultivando-o com recordações de tempos bem mais felizes.

A casa, aonde ia umas três ou quatro vezes por ano, pareceu-lhe mais silenciosa que habitualmente. Arejou-a, varreu-a e deu-lhe uma arrumadela. Cada móvel, cada divisão, traziam-lhe à memória um episódio conjugal, uma piada do filho.

Fez um chá, comeu umas tostas com compota e deitou-se. A cama parecia molhada, de tão fria. Embrulhou os pés num xaile velho e demorou ainda um bom bocado a adormecer.

O dia seguinte, véspera de Natal, amanheceu escuro e frio. Deolinda foi à mercearia comprar leite, pão e umas coisas para o jantar. Depois de um almoço frugal, saiu para tomar um descafeinado. Não encontrou ninguém conhecido, só gente nova. Em tempos, não dava um passo sem encontrar pessoas de família.

Voltou para casa, sem saber como ocupar o tempo. Se calhar, não tinha sido boa ideia vir este ano à terra! Deambulou pelas divisões silenciosas, a olhar as fotografias cinzentas: aqui, jovem, com o marido, no casamento de um primo; ali sorridente com “os seus homens”, numa visita a Cáceres; mais além, o pai aprumado numa farda do tempo da tropa.

Lá fora, começara a cair uma chuvinha miúda. Deolinda ficou um bocado a olhar a rua vazia e a ver as gotículas de chuva a formarem pequenos veios na vidraça. Assim eram os seus dias a escorrerem, não sabia para onde.

Cozeu umas batatas com grelos e uma posta de corvina. Há dez, quinze anos, teria feito também uma boa sopa de feijão com hortaliça, uma perna de borrego e umas

rabanadas. Agora, para quê? Comeu o peixe com pouca vontade. Não lhe sabia a nada. Deixou metade da posta.

Acendeu o lume na lareira da cozinha e sentou-se a olhar as línguas das chamas que consumiam mansamente os cavacos com que as ia alimentando. Assim a sua vida se ia consumindo, placidamente, sem dramas, sem objetivo. Aguentou-se por ali a cabecear, a fazer horas para a missa do galo.

Junto ao adro, o cheiro da madeira queimada, tão familiar, fê-la lembrar-se dos antigos natais, quando ir conviver e aquecer-se junto à fogueira de Natal era uma festa. Passou pelo bando de rapazes que, indiferentes à chuva miudinha e gelada, mantinham uma algazarra regada a vinho junto aos madeiros em chamas, entrou na igreja, logo reconhecida, e sentou-se junto à coxia.

Lá estavam, parados no tempo, os santos da sua meninice — Santo António, a Senhora das Dores, São Sebastião, o Coração de Jesus. Durante toda a missa, foi recordando alguns episódios ligados a esta igreja da sua terra — o crisma, o casamento da tia Matilde, o batizado do primeiro sobrinho, um dos primeiros afogueamentos, quando reparou que um rapaz mais velho olhava para ela de uma forma especial.

Quando o celebrante levantou a hóstia, Deolinda sentiu-se muito desamparada. Intimamente, implorou:

«Sejas Tu quem fores, ajuda-me; ajuda-me, por favor!»

Quando a missa acabou, Deolinda ficou ainda um pouco, ajoelhada, em recolhimento. Aproveitando a porta aberta pelas pessoas que iam saindo, entrou na igreja um gatinho ainda pequeno, molhado e enregelado, a abrigar-se do tempo hostil. Era malhado de preto e branco, parecia confuso e miava debilmente, entre o receio e o queixume. Foi caminhando pela coxia central, enquanto o seu miado se tornava mais suplicante, sobressaindo por cima da vozeria lá de fora. Deolinda ouviu-o, mas, muito imersa no seu espírito, demorou a surpreender-se. Quando olhou, o gatinho parara a olhar para ela e a miar. Deolinda ficou paralisada a ver aqueles olhos azulados e vítreos, como se lhe custasse a perceber o que via. Depois, pegando no gatinho, aconchegou-o contra o peito, por dentro do sobretudo, e desatou a soluçar convulsivamente. As lágrimas rebentaram descontroladamente, como se estivessem há muito represadas.

Pouco depois, o gatinho, confortado pelo calor do corpo de Deolinda, começou a ronronar. Deolinda olhou em volta. Cristo crucificado estava desfalecido no seu martírio, a Senhora das Dores e São Sebastião olhavam os céus. Deu com o olhar nos olhos do Menino Jesus, que estava ao colo de Santo António e sorria. Pareceu-lhe que

afastou o olhar, quando ela o fixou, e que a olhava, se ela desviava o olhar.

Entretanto, alguém tocou no braço de Deolinda:

— Então, vizinha, deixe lá as tristezas, que hoje já é dia de Natal. Venha comigo, que eu também vou para os seus lados.

Deolinda seguiu a conterrânea, sem lhe ouvir a conversa, com o gatinho junto ao peito, tão apaziguada como nos dias felizes, tão realizada como quando regressara a casa com o seu filho acabado de nascer, ao colo.

Liberté

Antonio Luiz Medeiros de Campos

De volta à rodovia central, o primeiro suspiro de alívio enfim chegara. Apesar de movimentada a essa hora da tarde, aqui o perigo de ser pega era nulo: meu velho Chevelle ss 454 conseguia se tornar mais um dentre os outros. Rapidamente, a cada carro que me ultrapassava, os observara por leves instantes, suficientes segundos para refletir sobre como cada pessoa que os dirigia estava vindo e indo para lugares completamente diferentes. Alguns voltando do trabalho, ou indo para um, outros talvez saindo de viagem.

Ali pouco importava a bolsa de dinheiro roubada e a 38 ao meu lado, eu era só mais uma por entre dezenas de outros universos distintos, e ser só mais uma, era bom.

Quando a rodovia começava a se dividir, sempre olhava para a curva que dava rumo ao fim da fronteira do país, era tão estranho pensar como a liberdade estava tão perto. Apelidara aquele trecho de “Liberté”, pois francesa era a língua preferida daquela que um dia amei e nossa brincadeira preferida era jurar amor uma a outra como duas legítimas francesas em um filme romântico. Chamar aquele lugar assim era um jeito de mantê-la viva em algum lugar dentro de mim, mas a desejava inutilmente, porque

meu destino não era ali. Segui reto a caminho do meu galpão em Connectvile.

Chegando em casa já noite, liguei para “ele” avisando que mais uma parcela da maldita dívida estava pronta para ser paga. Gostava de chamar de parcelas, pois desta forma quase conseguia acreditar que aquilo uma hora iria ter fim. O encontro para entrega seria no dia seguinte à tarde e então me restava esperar.

Nesses momentos sozinha, meus maiores companheiros eram o lápis, o papel e a erva - quase sempre *purple*, minha espécie preferida. Tão linda, que a despedaçava na mão, pois apesar de mais lento do que usando um dichavador, olhá-la já me deixava bem. Com o beck já pronto, após o primeiro trago, eu era levada por entre aquela fumaça branca, a brasa me guiava e até me fazia esquecer que lá fora era inverno.

Então começava a desenhar, isso era a única coisa que me conectava com a menina que era antes de toda essa merda, os primeiros riscos iam ganhando forma, o processo era demorado, e talvez por isso fosse tão apaixonada por ele, cada minúsculo detalhe, os movimentos do lápis chegavam a entrar em harmonia com as tragadas em uma dança transcendental, a madrugada e a manhã passaram e o desenho estava chegando ao final, mais um retrato dela. Desde o “acidente” nunca mais desenhara outra coisa. Já era hora de ir para o encontro,

ainda estava tão chapada que acabei levando o desenho para junto do carro.

O local marcado era um parque da cidade, geralmente bastante movimentado pela tarde, principalmente aos domingos, mas nessa estação do ano, poucas eram as pessoas que por ali passeavam. Estacionei perto da entrada, e comecei a caminhar. O jeito com que os tímidos raios de luz do sol passavam por entre as folhas das árvores me chamava a atenção, minha reflexão foi pausada pelo toque de um celular largado em um dos bancos. Atendi, era “ele”, com aquela voz fria e falando sem hesitar, disse que mudara de ideia, e que havia um serviço necessário para eu fazer ainda naquele dia e, por isso o encontro tinha sido cancelado. Mal pude expressar alguma revolta e a ligação já tinha sido desligada.

O alvo era um banco de uma pequena cidade a alguns poucos quilômetros dali, onde o prefeito esquecera-se de pagar a taxa para “proteção”, e então um assalto a banco serviria como primeiro aviso. Quando cheguei lá o sol já havia se posto, aguardei mais algumas horas. Quando o banco fechou, dei meu jeito de entrar, comecei a colocar o dinheiro na bolsa, e então o alarme soou, ainda tinha alguns minutos até a polícia realmente aparecer. Após um tempo fazendo isso, é impressionante como o soar do alarme acaba se tornando uma sinfonia aos ouvidos, ao

invés de tensão ou nervosismo, o tempo para, e é como se fosse possível sentir o presente.

Faltavam mais algumas notas, quando consegui distinguir alguns passos por entre os tempos do alarme - Droga! Droga! Droga! Não deveria ter ninguém por aqui - Me escondi e saquei a 38. Era um segurança que provavelmente estava fazendo um turno extra, ele foi para perto do caixa estourado no chão, estava na minha frente, mas de costas para mim, tentei sair sem ser notada, porém quando estava perto da porta, ele me viu. Hesitei em atirar, mas ele não. Após ouvir o som do disparo, senti um formigamento e ao mesmo tempo uma queimação no ombro esquerdo. Atirei, apesar de não conseguir mirar e acertá-lo, foi o suficiente para fazê-lo tentar se esconder, e nesse tempo saí correndo, conseguindo chegar ao carro.

Fugas à noite eram um pouco mais complicadas, mesmo em lugares onde a polícia não era das mais preparadas e, principalmente, tendo que dirigir com uma mão só. Três viaturas me seguiram, mas mesmo na minha situação, consegui despistá-las.

A estrada estava fria, e a briga entre os tons mais escuros e claros de azul do céu diferenciava o profundo vazio e o tapete de estrelas que o varria me acompanhava. O silêncio me conectava com o infinito, deixando tudo tão pequeno que a dor se tornava insignificante.

Quando percebi já estava na “Liberté”, ao olhar o retrovisor encarei por um segundo a face do desenho que esquecera no banco de trás, dessa vez virei à direita.

**Em um inverno reticente,
o relógio na parede e a noite de frio**

Marcelo Gomes Jorge Feres

Ah, esse frio que me rodeia.

Olho o relógio na parede e suspiro, mas ele vai indo,
repetindo, repetindo.

E vou e me deito, e vou e vou indo, dormindo, dormindo.

Fecho os olhos e tenho de abri-los, e me reviro, e ouço
ruidos,

E o tic-tac da parede vem vindo, mas, eu, por que tenho de
ouvi-lo,

Esse tic-tac dependurado em meu peito que me faz
pressentir o frio, o frio?

Batem-me os dentes e repito, repito, tac-tac de frio, entra,
sê bem-vindo.

E desperto agasalhado, em minha boca o gosto dos
cigarros,

Da cola dos selos e do desabafo.

E novamente recostado ouço o rádio, e disfarço, mas já é
tarde,

Reconheço que minhas portas se abrem, e, pela música,
assaltado,
A reminiscência que me bate: malvado, malvado,
lembra de mim e daquela tarde,
Lembra que foste cheio de desculpas para a noite, não era
tarde, não era tarde.
E corro e estou sentado, apanhando, apanhando o lápis,
Não, não é tarde.
E escrevo inspirado,
Inspirando aquela tarde,
Sim, era tarde.
Mas apenas agora,
Recriando o que foi embora,
É que sei dar-me a tudo o que não é de verdade.

Inverno

Aldirene Máximo

Não vejo mais abraços,
apenas folhas secas no chão.
Pássaros calaram a sinfonia...

Há o silêncio
Há o vazio...

Não sei expressar o que sinto
só sei que sinto frio.
Meu coração adormeceu.

Falta pouco para o inverno
tempo de espera,
momento de reflexão.

Há o silêncio
Há o vazio...

Alma nobre,
à procura de abrigo.
O vento, a conversar comigo.

A noite fria,
carregada de tristeza
encontrou nuvens e fez chover.

Madrugada...
Melancolia...
Lágrimas...

O outono, que trouxe os frutos
está indo embora.
Chegou o inverno, tempo de espera.

Desacelerar, esperar, acreditar!

Amor ardente

Eloísa Ávilla

O amanhecer com névoa no horizonte
anuncia a chegada do inverno.

As lágrimas petrificam em minha face
como geada a queimar o campo.

O aroma do café leva o meu eu
ao túnel do tempo...

Olhares, enlaces e sorrisos
aqueciam nossos corpos.

Por um momento sinto o seu calor.
Desperto-me com o vento a chorar
condóido de minha saudade...

Caminho só pelos campos gélidos
a procurar o amor ardente
que outrora aquecia as noites frias...

Madrugada fria

Jullie Veiga

Tomando a já
mesmice dos traços
Que compunha, compasso

Eu penso se
não seria melhor
ir-me embora
nessa pressa das horas
que me enche da ânsia
que eu nem tinha

Seria mais um momento
em que me queria em teus braços, sustida

Guardada do frio
que atravessou a madrugada
e cruzou o dia

Fui tarde

Agora, anoiteço

No esquecimento da vida lá fora

No aquecimento do teu amor.

Transcendência

Maria Aparecida Sanches Coquemala

Inverno...

Tempo frio, cinzento, triste...

Tempo de dor no corpo, de dor na alma,
tempo de lembranças de amores mortos.

Súbito, de um piano distante,

me chegam acordes da Sonata ao Luar.

– Meu Deus! Como eu amo essa música!

Ninguém, nem eu com minhas dores todas
aliadas ao tempo cinzento e triste,
poderia resistir a seu chamado.

A música me arrasta a outras paragens
de paz, encanto, beleza, harmonia...

Beethoven me aquece, me encanta,
onde quer que esteja com o seu piano.

Dilema

Geraldo Trombin

No frio, um dilema:
falta um cobertor de orelha
para o meu poema!

Não é o que parece

Lya Gram

Quero beber da tua quentura
E sentir no corpo seu toque acalorado
Que vai deixando um rastro arrepiado
Nesta pele ansiosa por tua brandura

Neste inverno frio e cinzento
Somente tu és meu alento.
Preciso sorver-te calmamente
Para desafiar esse eu impaciente.

A raiz forte atenua
A loucura que me invade
Da energia tua.

Não há segredo não
Para espantar o frio
Nada é melhor que o quentão!

Escrito com lágrimas

Ane Yassuda

Foi a primeira vez que escrevi um poema...

Sem cor. Nem Beleza.

Quando me dei conta que não saberia viver meus dias,

No cair da neve em Veneza.

Foi a primeira vez que chorei.

Quando da cegueira que me envolvia,

finalmente acordei...

As primeiras escritas que fiz,

numa fria noite de amargura,

congelando meus pulmões,

eram rancor sem armadura.

Quando acendia o cigarro,

A beira da janela esplandecia,

Iluminava-se ao tímido sol

Escondendo as lágrimas, temia.

Ainda que eu não tivesse mãos e dedos,
porque rasgavam tua pele
Partia em mil pedaços,
cada verso que criei.

Por que foi com minhas lágrimas incessantes,
Sóbrias e nítidas palavras que escrevi.
Nas tuas costas flageladas de amor
Os dizeres mais inúteis...
Do último poema que li.

Invernices

Roque Aloisio Weschenfelder

Frio gela-pés

Xícaras cheias de cafés

Os quentes, os mornos, os esquecidos

Abraços merecidos

São dias de inverno

Encolhidas debaixo das cobertas,

novas ideias vão sendo libertas

Projetos e planos de futuro

E nada de desistência

Na gelada insistência

Vem a garoa

Vem a neve

Vem a geada

Vem a gripe

Vem a tosse e o xarope

A xarope da vizinha
Conselheira intrometida
Eterna ingerida
E um chá de cidreira
Para acalmar a febre

Inverno das noites extensas
Inverno dos livros lidos
Inverno dos romances vívidos
Inverno das esperanças
Do porvir primaveril

A Loba

Maria Teresa Pelica

No Inverno do meu descontentamento,
tu partiste,
e eu fiquei.

Tu partiste, e eu chorei.

Dias passaram,
noites passaram,
e eu me acomodei,
e me transformei.

Vieram os dias,
vieram as noites,
de inverno gélido,
branco e frio,
e por dentro, eu gelei.

Na paisagem branca,
Sem folhas, nem flores,
de árvores despidas:
os meus pés enterrei.

Caminhava sozinha,
Respirando o ar frio, e olhando o céu, senti o vento,
Sem eira, nem beira, levando-me com ele, pela encosta
abaixo.

Fustigava meu rosto, fazendo-me correr,
Parecia dizer-me coisas, que eu nem agora sei.

Olhei em frente, e vi um vulto escuro,

Que me olhava fixamente.

Parecia dizer-me,
que parasse naquele tempo, e não avançasse mais,
pois um dia mais tarde,

Viria buscar-me.

Virei-me de costas, sem olhar para trás, e sentindo o olhar
daquele animal,

desci a encosta, tremendo de frio, no meio do temporal.

Esqueci-me do tempo,

esqueci-me da solidão,

E voltei à encosta, onde estivera então.

No mesmo sítio, esperando por mim, o lobo que eu vira
no grande nevão.

quis que eu o seguisse, e caminhando com ele, levou-me,
então, a um sítio escondido,
onde descobri, com satisfação, as suas pequenas crias,
que brincavam felizes .

Sempre que neva,
me recordo então,
da loba que surgiu no meio do nevão,
que levando-me com ela, apagou a Tua Recordação.

Amores de inverno

J. L. Silva

Vejo tanta gente
tendo quatro amores
dentro do período de um ano
– do outono urbano
à estação das flores –
tendo algum amor eterno
um acalanto no inverno
algum corpo que lhe esquite

Já me passaram
– passageiramente –
vinte poucos anos vividos
e por mais que sejam bem-vindos
ainda não encontrei
alguém a quem hei
de amar perdidamente

E entre tantas juras falsas
e banais e vãs e irreais
quero amar também
– verdadeiramente –
mesmo que caia em pranto
mesmo que não me caia bem
aliás, poeta também é gente
e ama (inigualavelmente)
então, por que eu que amo tanto
estou sem ninguém?

Inverno em minha alma

Wilson Duarte

Chegando a estação inverno,
sinto uma grande preocupação.
Nesta estação, como será meu viver?
Qual terá de ser minha ação?

O frio não acontece apenas no corpo.
Tento, porém, manter a calma.
Mas em razão de lembranças não boas,
sinto frio até mesmo na alma.

Outrora fez parte da minha vida
aquela a quem não somente admirava,
por dar luz e cor à minha existência
e que, por tal, muito a amava.

Também ela, como eu, pensava ser,
nossa relação, perfeitamente normal.

Mas um raro conflito de ideias,
foi para o nosso amor o ponto final.

Soube agora, por amigos, ter ela
demonstrado uma certa frustração,
pela desídia que acontecera,
causando nossa separação.

Isto me traz alguma esperança
que nosso romance possa volver,
agora de maneira mais sólida, sem que
nenhuma discórdia venha a acontecer.

Se antes, no inverno passado,
nossa linda relação terminou,
quem sabe possamos, no inverno presente,
afirmar que nosso amor recomeçou...

Sobre tudo

Mariana Fagundes Ausani

Olhei em volta, incrédula. Aquela noite de um inverno recente já virara madrugada. O frio, contudo, não impediu que uma dúzia de inconsoláveis semblantes permanecesse ali, nas proximidades do caixão, entre cadeiras e sofás da casa velatória. Após se certificar de que o tumulto havia cessado, a filha do falecido sentou-se diante do corpo do pai, dispôs os braços no parapeito da urna e chorou de mansinho, escondendo o rosto entre as mãos, em uma indicação clara de que preferia se despedir de maneira reservada, apesar de a sua dor estar tão visivelmente exposta.

Era preciso fazer grande esforço para assimilar como, em meio a um atrapalhado conjunto de horas, pegamos a estrada inversa a que estávamos indo originalmente e desviamos de um casamento para um velório. Se contarmos por aí o ocorrido, vão dizer que é relato imaginado, pura estória. O fato é que o real, não raro, extrapola a imaginação e transborda para além da criatividade de muita literatura. Mas, você deve estar se perguntando o que foi que aconteceu. Deixe que eu explique melhor o caso.

No Cerrado, o inverno chega junto com a seca, trazendo dias de céu azul. As tardes são límpidas e o

horizonte é tão imenso que acalma os ânimos de quem, há pouco, viveu a conturbada estação chuvosa. As nuvens, pequenas e esparsas, garantem: tempestade, só na próxima temporada, para lá do início da primavera. A gente viveria meses bem definidos, não fossem os ventos do sul, as frentes frias, as correntes de calor que vêm do norte e toda sorte de eventos não previstos que surgem, de repente, de lá e de cá, só para fazer o tempo mudar de rumo.

A vida não gosta de receber coordenadas, de seguir cronogramas. Ela quer é se deixar levar pelo inesperado.

Foi em um dia assim, desanuviado, ainda no outono do ano passado, que Rosa me ligou para contar que estava de casamento marcado. Lá em casa, sem demora, a gente comemorou a novidade. A festa seria no começo do inverno do ano seguinte. Nós tínhamos, portanto, um punhado de páginas pela frente para virar no calendário.

Quando as horas estão passando, assim, corriqueiras, cotidianas, nem lembramos que existir é uma sequência de alvoroços, de sobressaltos, uns menores, outros maiores, alguns alegres, outros tantos tristes, que vão se emendando até alcançar a estação seguinte. A gente só sente o tamanho da nossa humanidade, da nossa fragilidade, quando a vida nos atropela. E ela vem com toda a velocidade, fazendo histórias se esbarrarem, enredos

se chocarem. Por fim, não tem mais para onde fugir: a colisão com a realidade é inevitável.

Rosa é uma moça de tamanho mediano, mais para alta do que para baixa. De pele tão branca quanto lisa e olhos levemente esverdeados. Corpo esguio e cabelos castanhos, ligeiramente ondulados. Discreta e educada, conversa gesticulando de forma contida e mexendo as mãos com suavidade. Nunca perguntei, mas desconfio que ela tenha crescido com o sonho de se casar vestindo um véu elegante, uma bela grinalda e atravessando a igreja de braços dados com o pai.

Eu, que não sou religiosa nem nada, não entendo ao certo o encantamento da sociedade por tradições como alianças, vestido branco e buquê na mão. Mas enxergo no ritual, manifestações sinceras de elementos que movem a história do mundo. Paixões e emoções afloradas, vontade de expressar o amor e uma quantia grande de romantismo, que aquece a nossa rotina, já tão arrefecida pelo frio desta época do ano.

Por isso, assisti, com atenção, o desenrolar dos preparativos. Eles decidiram que o casamento seria em uma cidade interiorana e histórica nas redondezas. Decerto, era um apelo por proximidade em meio à indiferença gritante das grandes metrópoles. Definiram juntos as flores, a banda e a decoração. Pegaram a estrada

em diversos fins de semana só para ir lá resolver detalhes e definir pendências.

Prepararam uma lista de convidados em que cabia a família inteira. Afinal, se tinha algo que não lhes faltava, eram parentes. Tinham uma relação extensa de familiares e não dava para deixar ninguém de fora. Eram todos muito próximos, com mania de casa cheia e parentada reunida. Tanto que escolheram primas, primos, tios e tias para apadrinhar a relação. Ia ser a maior festança. Comemoração para durar dois ou três dias. Eles achavam que valia a pena esse costume de celebrar a união.

Sinceramente? Não sei bem como é isso de acreditar no amor. Nunca vi, assim, bem de perto, um romance que se prolongou vida afora. Quer dizer, até vi, mas não desses que preservam na essência o carinho mútuo, como a gente encontra, às vezes, nas folhas amareladas dos livros. Cresci achando que relacionamento feliz era realismo fantástico. Uma ficção meio mágica, meio improvável de acontecer. Sei lá, apesar dos filmes, dos contos e das tramas imaginárias, durante muito tempo, quando eu olhava ao redor, os casais pareciam tão secos e distantes um do outro quanto a chuva e o Planalto Central em meados de julho, princípio de agosto.

Mas Rosa, suponho, tem uma leitura diferente do afeto. Ela assistiu – e foi alicerce – da construção da história de dona Cléo e seu Tião, seus pais. Do convívio de

quatro décadas, eles conseguiram erguer um vínculo sólido e resistente. Mas isso é feito até trivial. O inusitado, no caso deles, era que mantinham pequenos – porém, notáveis – hábitos de namorados.

Evento para lá de improvável era esbarrar em dona Cléo sem dar de cara com seu Tião. Eles ainda entrelaçavam mãos, trocavam recorrentes carícias e eram flagrados em prolongados abraços nos atuais álbuns de fotos da família. Era um desses pares que, ao enxergar na rua, românticos incuráveis deixavam escapar suspiros de euforia. Incutiam dúvidas mesmo às descrenças dos mais céticos no amor, dos desapegados a sentimentalismos. Logo, Rosa tinha lá suas razões para crer em final feliz.

Na virada do verão para o outono, porém, um novo sobressalto nos apanhou de surpresa. Seu Tião teve um mal súbito e foi internado às pressas em um hospital da capital. A família, comovida, se mobilizou para ajudar. Já pensou uma notícia dessas, assim, com a iminência do casamento da única filha do adoentado?

Os médicos não conseguiram, de início, identificar qual era a enfermidade. Tratava-se, aparentemente, de algum problema pulmonar. Câncer? Ao que parecia, não. Por via das dúvidas, mandaram fazer uma biópsia. Tião acabou voltando para casa e cada qual seguiu seu trajeto, na maior normalidade. As horas passam daqui, correm dali, a gente quase não tem tempo de se apegar às minúcias. As

estações vão tão depressa que, em um desmedido contrassenso, nos fazem esquecer que viver é coisa efêmera.

Com o andar dos dias, entretanto, confirmou-se o que Rosa temia: a doença era um tumor maligno. Um corrosivo câncer no pulmão direito. A noiva definhou rapidamente. Parou de comer, de dormir e também de sorrir. Já estávamos, então, a menos de dois meses do tal casório. Mas, vá lá, as sessões iniciais de quimioterapia traziam boas novas. Tudo transcorria conforme o habitual e o paciente, diziam os especialistas, respondia bem ao tratamento. Pouco tempo antes da festa, o quadro evoluíra para uma condição estável e, tristezas à parte, os planos para a celebração seguiram outono adentro. Quando nos demos conta, chegou o inverno, trazendo, na sequência, a véspera do casamento.

Naquela sexta-feira pacata, os convidados começavam a desembarcar na pequenina cidade-sede da cerimônia. Arranjos de rosas, lírios e lavandas estavam sendo dispostos no salão. O jardim já contava com assentos organizados em fileiras de dez cadeiras, com laços cuidadosamente amarrados em cada uma delas. Os salgadinhos e os bem-casados permaneciam acomodados em suas respectivas caixas, aguardando o dia seguinte.

Por volta do fim da tarde, já íamos à plena estrada, para lá do meio do caminho, quando recebemos a ligação

afobada de uma prima aflita e atônita, avisando que havia um problema. Mais uma vez: sobressalto. Seu Tião passou mal enquanto terminava de se aprontar para entrar no carro e seguir direto para as festividades. “Estão tentando reanimá-lo”, disse a mensagem da prima, médica de longa data, única ainda capaz de preservar a sobriedade, diante de uma família entre estarecida e destroçada. “Não conseguimos”, informou outra notificação no celular, minutos depois.

Demos uma rápida meia volta e dirigimos para o norte, no sentido dos que ficaram. Estacionamos de frente para uma Rosa que, aos soluços, tentava com força acreditar no incrível. Dona Cléo fitava a parede branca, levemente encardida, do saguão de emergência do hospital. Deixava as lágrimas caírem devagar, que era para ver se assimilava mais depressa os fatos. De uma só vez, aquela existência compartilhada desmoronara. E ela restou ali, sozinha, sem saber bem onde se segurar. Estonteada, conservava-se imóvel, ao passo que presenciava as próprias memórias e também as expectativas da filha, em segundos, virarem escombros.

O que transcorreu a partir dali foi uma sequência de acontecimentos dignos de uma narrativa trágica, não fossem, assim, tão reais. O velório teve início, mais ou menos, no horário em que estava marcado para acontecer o casamento. No fim da noite, os doces e salgados da

cerimônia foram redirecionados para o funeral, a fim de aplacar a fome de quem tinha cabeça e estômago para pensar nessas necessidades terrenas. Amigos, parentes e conhecidos abraçavam a viúva e despediam-se de seu Tião, que alheio ao ocorrido, embora já com a pele gélida, mantinha no rosto feições serenas e vestia, com humildade, sua desbotada camiseta favorita.

A vida, contudo, é uma dinâmica difusa, é movimento desordenado. Ao mesmo tempo em que o corpo era enterrado, comedidos cochichos revelavam com algum embaraço, por entre corredores do cemitério, a gravidez da prima de Rosa e o nascimento do sobrinho-neto de dona Cléo. O fim, não tem jeito, é só recomeço. É como trocar de estação para estação. É sobressalto, alvoroço, surpresa. É uma mudança que roda e gira e desemboca no mesmo lugar. Viver é sobre morte, é sobre vida é, sobretudo, poesia.

Sobre os autores

Aldirene Máximo: Nasceu em São Paulo. É graduada em Letras pela Uninove e pós-graduada em Psicopedagogia pela mesma instituição. Narradora de histórias pelo Senac, escreve poesias desde os 12 anos. É autora dos livros: *Eu acredito no Amor!* e *Metáforas*, ambos pela Editora Scortecci. Tem participação em diversas antologias e revistas literárias. Acredita que sua missão é espalhar poesias pelo mundo. Contato: writer.aldy@gmail.com.

Ane Yassuda: Autora, roteirista dramaturga, diretora teatral e atriz. Formada em Pedagogia e Artes Cênicas, desenvolve trabalhos artísticos em projeto social em uma companhia de teatro composta unicamente por crianças. Ganhou o primeiro prêmio literário aos 9 anos de idade e outro em concurso de recitação em Fiuggi (Itália) em 2010, sendo a única estrangeira concorrendo. Ainda em 2011, premiada com menção honrosa pelo conto infantil *O Gato na Janela*. Contato: aneyassuda35@hotmail.com.

Antonio Luiz Medeiros de Campos: Tem 19 anos, nasceu em Mairinque (SP), e atualmente reside em Alumínio (SP). Contato: antonio.camppos2@hotmail.com.

Driely Meira: Nasceu em Mairinque em 1998 e reside em Alumínio. Blogueira literária, contista e estudante de Letras na Universidade de Sorocaba (Uniso), participou das antologias *Amores (Im)possíveis* e *De repente, nós*, da editora Andross, *Poderes e Monstros entre nós*, da Darda Editora, e *O parque* e *Antologia de outono*, da editora Jogo de Palavras. Contato: driely.meira@hotmail.com.

Edih Longo: - Nome artístico adotado para quaisquer manifestações artísticas - é formada em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É atriz teatral, fazendo parte do Grupo “Arte in Cena” do Clube Paineiras do Morumbi.

Especializou-se em Sociolinguística. É dramaturga, romancista, poeta, contista e cronista. Já ganhou alguns prêmios nestas modalidades e, recentemente, foi agraciada em três primeiros lugares (poesia, conto, dramaturgia) e no terceiro lugar (romance juvenil) pela UBE (União Brasileira de Escritores), do Rio de Janeiro. É secretária executiva da Presidência de uma ONG – ABCD Nossa Casa, onde atuou e dirigiu textos infanto-juvenis de sua autoria para abrigados carentes da Instituição. Contato: edillongo@yahoo.com.br.

Eloísa Maria Ávilla de Carvalho: Nasceu na Cerâmica São Pedro, extinta colônia, que pertencia à Usina Junqueira em Igarapava. Professora aposentada pela Secretaria de Educação do estado de São Paulo. Graduada em Letras e Mestrado em Linguística. Autora do livro *O livro que não tem fim... Inspiração*, publicado em 2015. Recebeu o Troféu Carlos Drummond de Andrade em 2017, a Comenda Trovador Rocha Ramos e mereceu 1º lugar no Concurso de POESIA da Academia Capixaba de Letras e Artes de Poetas Trovadores, academia na qual ocupa a cadeira de número 6 (seis), como acadêmica correspondente. É membro da cadeira de número 1(um) na Academia Virtual de Artes da Região Metropolitana de Ribeirão Preto. Contato: profaeloisa@yahoo.com.br.

Evandro Valentim de Melo: Brasiliense, casado, pai e avô; mestre em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação; especialista em gestão de RH; administrador. Publicou *Guardiões do cerrado* (Assis, 2018); *Aventura no cerrado* (Assis, 2017); *Aventura na floresta: bichos e lendas daqui e dacolá* (Assis, 2016), *Cliques narrativos: um romance em crônicas* (Assis, 2014); e *“Causos” de RH: o livro* (Livre Expressão, 2011). Detentor de premiações nas categorias: conto, crônica e microconto em diversos concursos literários. Participação em diversas antologias. Contato: ordnave.melo@gmail.com.

Geraldo Trombin: É publicitário, ex-colunista dos blogs ContemporArtes e BDE (Bar do Escritor) e colaborador do jornal

“O Liberal”, de Americana/SP. Lançou em 1981 “*Transparecer a Escuridão*”, produção independente de poesias e crônicas, e em 2010 “*Só Concurados - diVersos poemas, crônicas e contos premiados.*” Tem classificações em inúmeros concursos literários realizados em várias partes do país e também em Portugal, além de trabalhos publicados em jornal e diversas antologias. Contato: gtrombin@terra.com.br.

Joaquim Bispo: Português, reformado, ex-técnico da televisão pública, licenciado em História da Arte. Experimenta a escrita de ficção desde 2007. Frequentou oficinas literárias na internet, colabora com a revista literária eletrônica Samizdat desde 2008 e integra uma vintena de coletâneas resultantes de concursos literários dos dois lados do Atlântico. Contato: episcopum@botmail.com.

J. L. Silva: Nasceu em 6 de março de 1990, é natural de São Paulo, capital, porém reside atualmente na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo. É professor de português, jornalista, roteirista, tradutor, dramaturgo e produtor cultural, além de ministrar oficinas e palestras sobre análise e criação literária. Autor dos livros *Velhos Suicidas* (Editora Penalux, poemas, 2016), *Da Infância à Inconstância* (Amazon, poemas, 2016), *A Bruxa de Itaquera* (Editora Multifoco, contos, 2016), *Lira dos Vinte e Poucos Anos* (Amazon, poemas, 2017), *Poemas da Boca da Lata do Lixo* (Amazon, poemas, 2017) e *Idiotas Felizes* (Editora Penalux, poemas, 2018). Contato: jlsilvacultura@gmail.com.

Jullie Veiga Ferro: Poeta de São Luís (MA). Também escritora e organizadora de projetos literários. “Escrevo desde a infância, por paixão e porque as letras me tomam e me usam no nascimento de cada escrito”. Com participação em mais de quarenta obras, livros e revistas, nacionais e internacionais. Contato: jullieveiga@gmail.com.

Leverton Jose Veríssimo Vieira: Nascido em Capela do Alto, São Paulo, em 2000, ouvia a avó contar histórias e isso o fascinou e o

inspirou a fazer o mesmo. Amante de livros e histórias, passa madrugadas inteiras perdido em páginas e palavras. Sonha em um dia poder levar suas histórias para o mundo todo e ter uma biblioteca tão grande capaz de perder-se lá dentro. Cursa Letras na Universidade de Sorocaba e escreve muito nas horas vagas. Contato: levertonjose@hotmail.com.

Lya Gram: Dedicar-se integralmente à arte e literatura. Participou de oficinas literárias, saraus e exposições de livros. Vencedora do primeiro concurso literário Machado de Assis da Canal 6 Editora; vencedora do quarto Prêmio SFX de Literatura; classificada no concurso de Prosas e Versos da Associação dos Pioneiros e Veteranos da Embraer; vencedora do 33º Festival de Poesias de Cornélio Procópio; classificada no V Prêmio Literário Cidade Poesia ASES-BP; coautora em algumas antologias poéticas nacionais e internacionais; colaboradora de revistas literárias e autora do livro de poesias *Entre Dores, Flores e Dissabores* e de contos *São Tantas Vozes*. Acredita que as lembranças decidiram esbanjar letras no papel, derramando histórias, devaneios e memórias. Para ela, escrever é mais que paixão, é missão de vida. Contato: lyagram@gmail.com e www.lyagram.com.br.

Marcelo Gomes Jorge Feres: Nascido em 06/07/1957, na cidade de Niterói, RJ. Graduado em Administração pela EBAP, Rio de Janeiro, em 1979; graduado e pós-graduado em Direito pela UNESA, Rio de Janeiro, em 2005; pós-graduado em Filosofia (EAD) pela Universidade Gama Filho, São Paulo, em 2013; publicou 13 livros de conteúdo poético-filosófico e participa de várias antologias desde 1987. Contato: marcelo.gomes.jorge.feres@gmail.com.

Maria Aparecida Sanches Coquemala: Autora licenciada em Letras, especializada em Linguística, pedagoga. Premiada pela UBE-RJ com *A Gruta Azul* (2007) e *Carnaval* (2013), 2.º e 3.º lugares, respectivamente; pelo Governo da Paraíba, Correio das

Artes, com *À Espera*, e pela Ed. Porto de Lenha, Gramado (RS), com *Vozes da Primavera*, estes em 1.º lugar. Todos, coletâneas de contos e crônicas. Na literatura infantojuvenil, publicou *Naná e o Beija-flor*, duas edições esgotadas, selecionado para o Projeto Piloto de incentivo à leitura em Barra Bonita. Autora de *Círculo Vicioso*, *O Último Desejo*, *Além dos Sentidos* e *Flashs*, coletâneas de contos e crônicas. Na poesia, *À margem da vida* e *Pulsar*, este já na 3.ª edição. Participa de antologias no Brasil, Uruguai, Portugal e Itália. Colunista de *O Guarani*, jornal de Itararé (SP), cidade onde reside. Contato: maria-13@uol.com.br.

Mariana Fagundes Ausani: É jornalista, mas prefere a literatura e a poesia das vidas anônimas ao realismo distorcido das notícias de jornais. Nascida numa cidade quase imaginária ao sul do país, migrou para o cerrado há um bocado de anos e, em Brasília, tenta, em palavras, imprimir vida ao cinza da capital. Contato: fagundez.mariana@gmail.com.

Maria Teresa Barreiros Pelica: Licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras de Lisboa e residente nos arredores de Lisboa, Portugal. “Leccionei durante muitos anos a disciplina de Inglês no ensino público e privado a jovens entre os 12 e os 18 anos. Atualmente já não estou a exercer e dedico-me a outras atividades que fui deixando de parte enquanto professora, pois o ensino ocupa o tempo todo. Passei a ter mais tempo para me dedicar à escrita e também a fazer fotografia de uma forma mais séria. Como *blogger* partilho com os meus seguidores as minhas reflexões sobre as leituras que faço, especialmente no âmbito da Formação e do Desenvolvimento Pessoal, assim como outras questões de várias temáticas. Contato: mprbpb@gmail.com.

Paulo Luís Ferreira: “Nasci em 17/07/1953, Recife/PE Formado em História e Geografia; fotógrafo de profissão. Encontrei na literatura o escape para expressar meus humores e dissabores. Ganhei o *Prêmio Estímulo à Literatura*, com o conto

Minha Família Querida. Outros contos foram publicados pelas Revistas Literárias: *Tantas Letras* e *Ponto e ContraPonto*; e as revistas virtuais: *LiteraLivre* e *Literalmente Intrigante*. Tenho dois livros: um romance, *Um Suco de Laranja sem Açúcar com Hortelã*, e outro de contos, *Século XXI*, autoeditados pelo Clube de Autores”. Contato: pluis.177@globomail.com.

Robson Nascimento da Silva: Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 29 de janeiro de 1995, três anos depois se mudou para Mamanguape (PB), cidade onde reside atualmente. É graduando em Letras: Língua Portuguesa pela UFPB – Campus IV, e atualmente é bolsista PIBIC/CNPq/UFPB. Sua pesquisa que pertence ao projeto *Modernismo(s) brasileiro(s) no nordeste: um olhar revisionista através das escritas autobiográficas* foi premiado no XXV Encontro de Iniciação Científica realizado na UFPB, e também recebeu o certificado de Honra ao mérito oferecido pelo CCAE – UFPB – Campus IV. Contato: rob.nac.rs@gmail.com.

Roque Aloisio Weschenfelder: Natural de Santo Cristo (RS) reside em Santa Rosa (RS). Tem 69 anos de idade, é graduado em Letras e professor aposentado. Autor de mais de uma dezena de livros literários e didáticos; integra cerca de 150 antologias textuais no Brasil e em Portugal; é multipremiado em quase 200 concursos literários, tendo obtido prêmios de destaque como a Viagem Nestlé Pela Literatura em 2002. Ainda atua como revisor textual, consultor de publicação para novos autores, palestrante e orientador de acadêmicos quanto a textos que necessitam de publicação. Contato: roquealoisio@yahoo.com.br.

Vanessa Heidemann: Sorocabana, graduada em Filosofia, atualmente cursa mestrado em Comunicação e Cultura, pela Universidade de Sorocaba. Sempre gostou de ler e conhecer histórias, pois é a curiosidade que dá movimento à vida. Contato: vanessa_heidemann@botmail.com.

Wilson Duarte: Graduado em Comunicação social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing/SP. Participa regularmente de antologias publicadas pela AEPTI – Associação dos Escritores, Poetas e Trovadores de Itatiba/SP e pela Litteris Editora/RJ, além de participação na antologia *Literatura de Outono*, Ed. Jogo de Palavras/SP. Teve também trabalho de Mestrado publicado no livro *Comunicação e Sociedade, Volume 1*, da Cortez Editora e anteriormente foi correspondente no Brasil da revista *KO Mundial*, editada na Argentina. Contato: widuf@bol.com.br.

Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em julho de 2018.